Camarões: quando as mulheres se mobilizam em prol do moabi

O sul de Camarões é vermelho e verde. Verde como a floresta da bacia do Congo, que respira e bate, e que oferece a seus habitantes os recursos bióticos necessários para a subsistência; vermelho como os caminhos empoeirados pelos que transitam caminhões transportando os corpos de gigantes da floresta que serão transformados em móveis, parquetes, portas, etc. Pelas veias abertas de Camarões flui seu elemento vital para o porto de Douala, onde o vampiro do Norte vem para saciar sua sede…

Da floresta chegam até nós vozes de mulheres. No sudeste de Camarões há mulheres que se organizam para melhorar suas condições de vida e preservar uma árvore mítica: o moabi (Baillonella toxisperma). Este gigante da floresta da bacia do rio Congo está sendo explorado industrialmente, a um ritmo difícil de determinar mas que atinge as populações locais e, em particular, as mulheres.

Para as populações do sul de Camarões, o moabi tem uma importância considerável. “Árvore sagrada”: tradicionalmente, os ancestros falecidos eram sentados ao pé ou em um oco do tronco; depois, o moabi encarnava o poder do difunto. “Árvore farmácia”: sua casca, suas folhas e raízes sirvem para preparar mais de cinqüenta medicamentos tradicionais, usados, entre outras coisas, para o tratamento de dores menstruais, infecções vaginais e puerpério. “Árvore nutritivo”: seus frutos são comestíveis, e assim reduz o trabalho doméstico das mulheres durante a frutificação; as sementes produzem um óleo de boa qualidade, que está sob o controle das mulheres desde a coleta até a comercialização, e que representa uma de suas principais fontes de renda nas regiões produtoras.

A exploração industrial da floresta começou em Camarões nos alvores do século vinte, durante a colonização alemã, na região litoral, para espalhar-se depois por todo o país à medida que eram construídas as vias férreas. E, mesmo que alguns empresários não achem explicações para a diminuição de moabis, é possível observar que a distribuição desta espécie é inversamente proporcional à presença histórica de explorações florestais. De fato, o comércio do moabi é lucrativo, por ser uma madeira de alta qualidade para a carpintaria e de elevado preço no mercado internacional. É mesmo um produto de luxo, que enfeita o interior de iates ou propriedades rurais em forma de assoalhos, janelas, revestimentos, etc. Para revestir o chão do Teatro dos Campos Eliseus, em Paris, foi escolhido um parquete de moabi…

Em Camarões, o comércio internacional da madeira está exclusivamente nas mãos de empresas estrangeiras, maioritariamente francesas, italianas, libanesas e, há pouco, chinesas. No entanto, o mercado do moabi continua sendo muito “franco- francês”: conforme estatísticas oficiais, entre 2000 e 2005, 45% do volume de moabi foi produzido por empresas francesas, e 71% da produção foi vendida na França (24% na Bélgica). É evidente portanto que o comércio de moabi coincide perfeitamente com os laços comerciais do país com a antiga metrópole.

A partir da década de 80, muitas aldeias estão em conflito com as empresas de exploração florestal pela reserva do Dja, região rica em moabis. Os moradores encaminharam numerosas cartas junto às autoridades competentes, reivindicando seu direito de uso do espaço florestal e pedindo proteção

para os moabis. Tomaram várias medidas, tais como organizar reuniões com os empresários, marcar os moabis para assinalar seu direito a usá-los e bloquear o passo das máquinas até que interviesse o exército, mas não conseguiram seus objetivos. Em Bedoumo, o exército reprimiu violentamente uma greve destinada a fechar o passo dos madeireiros. Os moradores foram obrigados a recolher com as mãos as brasas dos fogaréus que tinham acendido na estrada para suportar o frescor da noite; foram espancados e torturados, e algumas mulheres grávidas sofreram abortos por esse motivo. Os conflitos deste tipo mobilizam toda a comunidade, mesmo que em geral sejam os homens que aparecem, já que se supõe que são eles que têm contato com as autoridades, tanto verbal quanto por escrito.

No entanto, os dois conflitos vinculados especificamente com o moabi que enfrentaram fisicamente os moradores com os empresários foram, um deles, impulsionado por mulheres, e o outro conduzido por mulheres. Em Bapilé, a empresa italiana FIPCAM abriu um caminho (em um dia de festejos em que os moradores tinham ido a uma aldeia vizinha) no espaço reservado para a floresta comunitária, e destruiu um cemitério. No dia seguinte, ao ouvirem o barulho dos lenhadores e descobrirem vários moabis em flor que tinham sido derrubados, cinco mulheres do povoado foram à floresta para tentar convencer os trabalhadores de abandonarem a atividade, mas não o conseguiram. Nos dias seguintes, toda a comunidade se mobilizou para bloquear a estrada e as máquinas; houve lutas e greves durante um mês, e finalmente obtiveram a proteção de algumas árvores remanescentes e o reconhecimento do prejuízo causado (300 moabis derrubados), embora a perda não tenha sido compensada ainda.

Na aldeia de Zieng- Ognoul, de Pallisco, um empresário francês abriu um caminho no espaço reservado para a floresta comunitária. Ao ouvir o barulho, a senhora Koko Sol marchou para a floresta com várias pessoas do povoado, principalmente mulheres e ameaçou com atear fogo nas máquinas se os operários não interrompessem o trabalho. Esta iniciativa permitiu rejeitar os madeireiros e preservar grande quantidade de moabis; infelizmente, onze já tinham sido derrubados.

Em alguns casos, também surgem conflitos entre os homens e as mulheres dos povoados. Em primeiro lugar, porque os homens trabalham nas empresas e se encarregam de inventariar as espécies madeiráveis. Em segundo lugar, porque alguns deles vendem moabis de seus campos para serrarias clandestinas. Uma mulher de Ebimimbang afirmou que “os culpáveis são os homens, porque são eles que têm contato com os empresários, e sabem muito bem que [o moabi] é muito importante para as mulheres”.

A escassez de moabis prejudica especialmente às mulheres, que devem encontrar outras opções alimentares, recebem menos renda e carecem de ingredientes medicinais para tratamentos específicos de doenças genitais femininas. Além disso, devem suportar a dominação masculina em suas sociedades. Diante desta situação, a senhora Rufine Adjowa decidiu criar uma ONG chamada CADEFE, cujo objetivo é melhorar as condições de vida das mulheres com a proteção do moabi. A idéia é reunir as moradoras em pequenos grupos ou até em cooperativas, para desenvolver a venda de óleo de moabi. As camponesas podem assim obter rendas importantes para poder pagar a escolarização das crianças e o atendimento médico ou comprar o petróleo e o sabão que necessitam, sem ter que pedir dinheiro a seus maridos.

Por serem marginadas, todas estas mulheres constituem um grupo social capaz de impulsionar mudanças nas relações de poder e de propor soluções eficazes para a gestão sustentável e equitativa dos ecossistemas florestais.

Por Sandra Veuthey, com base nas observações de campo da autora.

sandra.veuthey@campus.uab.cat